

“O espaço agredido”: algumas imagens bélicas em José Luandino Vieira

“The battered space”: some war images in José Luandino Vieira

Maria do Carmo Cardoso Mendes

Universidade do Minho
mcpinheiro@elach.uminho.pt
ORCID: 0000-0002-5353-4976

Palavras-chave: Vieira (José Luandino), Espaço, Violência, literatura angolana.
Keywords: Vieira (José Luandino), Space, Violence, Angolan literature.

1. Introdução

Em entrevista realizada em 2019, o escritor angolano José Luandino Vieira define Luanda como um espaço geográfico feito “de tensões e lutas de toda a natureza” (Vieira, 2019, p. 21). A prevalência que a capital angolana tem na obra literária de José Luandino Vieira é incontroversa em termos de história pessoal – a ela foi o escritor buscar um dos seus nomes; nos seus musseques cresceu, na prisão de S. Paulo foi encarcerado¹ – e em termos literários, pela quantidade de vezes que ela surge representada em contos e romances. O inconformismo do

¹ Doze anos da vida de José Luandino Vieira foram passados em prisões. A primeira vez aconteceu em 1959, quando o escritor esteve detido na cadeia de S. Paulo durante um mês. Dois anos depois, seria novamente detido em Lisboa e condenado a catorze anos de cárcere. Cumpriu onze anos de prisão, entre Luanda e o campo de concentração do Tarrafal, na ilha cabo-verdiana de Santiago, sob acusação de terrorismo.

No romance *O diabo foi meu padeiro* (2019), o escritor cabo-verdiano Mário Lúcio Sousa recorda nos seguintes termos a chegada de escritores angolanos ao campo de concentração: “António Jacinto, Luandino Vieira e o cambuta António Cardoso são os brancos do grupo. Eles chegaram ao Campo em 1964. Foram eles que sacudiram a pena para a rua e Portugal desconseguiu negar mais que o Campo estava com presos políticos” (Sousa, 2019, p. 217).

A publicação de *Papéis da Prisão*, em 2015, esclarece, nas palavras introdutórias de José Luandino Vieira, esse longo período de cárcere e a importância que ele desempenhou na sua vida e na sua obra: “Do Aljube, em Lisboa, ao Campo de Trabalho no Tarrafal, passando por todas as cadeiras disponíveis na nossa terra de Luanda, palmilhei doze anos da estrada da minha vida.

escritor com o nome oficial da cidade está bem patente na razão que o conduziu a dar a um romance o título *Luuanda*:

Foi para marcar a diferença entre a cidade colonial de Loanda, a cidade de Luanda que era a designação colonial da capital da província de Angola – naquele tempo era província – que decidi escrever como tinha aprendido a escrever em quim-bundo, com as vogais longas (Vieira, 2019, p. 22).

A ficção narrativa faz de Luanda uma protagonista constante: a Luanda da infância, a Luanda como projeto político, a Luanda de espaços prisionais (nos quais o próprio escritor sofreu), a Luanda da guerra civil pós-independência e a Luanda de hoje, observada à distância do remoto Minho português.

Na sua multiplicidade cultural, étnica e sociológica, Luanda é um espaço fascinante na escrita de José Luandino Vieira; não um lugar paralisado no tempo histórico dos últimos anos da colonização portuguesa e da guerra colonial, mas uma geografia onde micro espaços são cenários de realidades contrastantes. Se no passado os conflitos apontavam sobretudo para segregação, discriminação e violência racial explícitas, no presente identificam essencialmente problemas de trabalho, de habitação e de falta de oportunidades, vividos num lugar privilegiado no retrato da capital: o musseque.

Luanda é um microcosmo que exhibe múltiplos tipos de violência na ficção de José Luandino Vieira. Sob uma superfície recheada de alterações e de certa sofisticação (principalmente a nível arquitetónico), desvenda o escritor um universo conflituoso (no passado e no presente). Os textos que aqui analiso retratam um longo período que abarca quase todo o século XX.

Nas deambulações de variados grupos humanos onde se destacam crianças e mulheres angolanas que protagonizam romances e contos de José Luandino Vieira, o leitor percorre um espaço geográfico multifacetado, com cambiantes que acompanham a própria História de Angola no século XX. O espaço físico é lugar de confrontos raciais, de crueldade, de dissensos culturais e de conflitos entre colonizados e colonizadores, mas ainda de manifestações de solidariedade, de resiliência e de afirmação de identidade. Pelos trajetos e discursos das personagens, o leitor reconstrói não só a geografia física, mas sobretudo os espaços mentais de seres humanos que constroem identidades diante de inúmeras adversidades, sobretudo as que representam práticas de brutalidade colonial.

A ficção de José Luandino Vieira permite ainda observar, no protagonismo recorrente de personagens infantis que vão desenvolvendo maturidade, consciência ética e formação de valores, a presença do *Bilgungsroman*. No plano linguístico, ressalta o modo como a construção de identidades passa por registos peculiares que, em última instância, questionam a linguagem colonial - nos sentidos real e metafórico. Evidencia-se ainda a violência da linguagem do colonizador. São estes aspetos que o ensaio analisa, demonstrando que o musseque é um espaço que o

Hoje, continuando essa caminhada, vou carregando o que dela está em mim e nos escritos que fui produzindo” (Vieira, 2015, p. 10).

narrador organiza em confronto com a centralidade urbana, mas ainda e sobretudo em exemplo de reinvenção de formas de humanidade dos seus habitantes.

2. O musseque na cidade colonial

Nos contos – estórias – e romances de José Luandino Vieira, o musseque é o espaço que simboliza a existência do colonizado e o conflito com o colonizador. Cécile Fromont (2006, p. 63) identifica os sentidos que o termo musseque possuiu na cidade de Luanda: a um sentido original de natureza física sobrepôs-se, nos últimos anos da administração colonial, um sentido sociológico, que aproxima o musseque de cidades africanas (não apenas Luanda) das favelas, o que equivale a dizer que esse espaço representa a marginalidade geográfica (do centro para a periferia da capital), a exclusão social, a pobreza e a segregação racial:

Musseque as a term first referred to the indigenous neighborhoods of the city built in traditional architecture but evolved to be a euphemism used in the twentieth century by the colonial administration to name the shantytowns where the Africans newly emigrated from the countryside found refuge as the rural exodus grew exponentially.

A precaridade do musseque é incorporada pelos seus habitantes, particularmente em situações de adversidade climática. Uma chuva que “deixou um rasto funesto no musseque de casas de zinco, pau-a-pique, madeira, latas velhas, papelão até” (Vieira, 2003a, p. 59), leva Maria, a mulher do protagonista homónimo do romance *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, a pensar que o centro da cidade, reservado aos brancos, não pode ser afetado pela destruição provocada por uma chuva intensa: “Na sua imaginação, ali, em Luanda, a chuva só ia cair no mar ou nas ruas dos musseques, não podia mesmo cair no sítio ocupado por essas casas bonitas dos brancos, com seus grandes jardins (Vieira, 2003a, p. 67).

O protagonismo da cidade de Luanda evidencia-se na obra de estreia de José Luandino Vieira, *A Cidade e a Infância*, dedicada à capital de Angola e às crianças que, como o escritor, nela cresceram. Considerada por Salvato Trigo como “antetexto de praticamente toda a *escrita* luandina, como o próprio escritor o pretende quando afirma que ‘nessas suas primeiras histórias já está tudo’” (Trigo, 1981, p. 210), a obra, constituída por dez estórias – relevando, portanto, o registo da oralidade – tem como *leitmotiv* a saudade da infância, não no sentido de desejo de regresso a ela, mas enquanto “ânsia de que o presente e o futuro pudessem ser vividos com o mesmo *espírito* livre da infância, sem factores de perturbação psicossocial” (Trigo, 1981, p. 210).

Neste binómio que estrutura as estórias de *A Cidade e a Infância*, os dois conceitos excluem-se mutuamente, como assinala Salvato Trigo, pois ao desenvolvimento da cidade corresponde o desaparecimento dos tempos da infância, sinónimo de despreocupação, e de ausência de preconceitos raciais e sociais. Crianças negras, mulatas e brancas convivem harmoniosamente, mas cedo se apercebem que a construção de prédios de ferro e cimento as expulsa para habitações precárias – as casas de “pau a pique e zinco” – e que os caminhos de areia vermelha são substituídos por “asfalto negro”. Assim, “A cidade anula (...)

a infância e faz nascer o *musseque*, espaço marginalizado e emblema da divisão étnico-social por ela provocada” (Trigo, 1981, p. 214).

As transformações urbanísticas da cidade de Luanda (a cidade da infância do escritor) são percebidas por várias personagens como manifestações de exclusão social e de devastação do espaço que sempre habitaram. A este respeito, é relevante a descrição feita no romance *Nosso Musseque* (escrito na prisão da PIDE, entre dezembro de 1961 e abril de 1962; publicado apenas em 2003), num processo de antropomorfização da cidade de Luanda:

(...) sentia-se mesmo, cada mês que passava, a cidade a vir devagarinho, sem grande barulho, aparecer por todos os lados, as camionetas de burgau e areia roncando, servente abrindo as valas de encher de pedra, as casas novas coloridas, varanda na frente, quintal de flores, a empurrar, atropelar as antigas cubatas de pau-a-pique. Ficavam os zínco no chão, no meio do barro de canas partidas (Vieira, 2003b, pp. 147-148).

Existe uma diferença assinalável na qualidade dos materiais das habitações e nas suas implicações sociológicas, como é demonstrado na análise de Adelino Torres sobre o processo de urbanização de Angola entre as décadas de 1940 e 1970. O recenseamento do país realizado em 1940, afirma terem sido eliminadas todas as construções de indígenas que não se encontrem nos centros urbanos da colónia. Embora o conceito de “centro urbano” não seja definido, ele exclui os *musseques*. Nas décadas de 1940-1950, a maioria da população branca vive em casas de cimento, ao passo que “la quasi-totalité de la population africaine, noire et métisse, résidait dans des constructions faites avec des matériaux ‘pauvres’: briques de boue séchée au soleil et ‘d’autres matériaux’” (Torres, 1986, p. 31). A polarização habitação (materiais)/raça acentua-se na década de 1960 e desencadeia uma oposição cada vez mais acentuada entre a cidade moderna e os bairros periféricos, os *musseques*:

Ceux-ci sont repoussés dans l’espace (habitat) et dans le temps (distances à parcourir) et pratiquement effacés de la mémoire collective urbaine. En dépit de l’imaginaire ‘multiracial’ toujours présent dans le discours officiel. (...)

La colonisation est, contrairement à son projet, un système de ruptures et non d’intégration, quelle que soit la sincérité des mots par ailleurs (Torres, 1986, pp. 32 e 49).

A Luanda representada em *A Cidade e a Infância* (tal como a que surge em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*) compreende, por consequência, dois espaços bem definidos e mutuamente repelidos: separados pela “fronteira de asfalto”, localizam-se, de um lado, o espaço dos *musseques* – a cidade dos africanos: negros, mestiços e alguns brancos desprotegidos – e, do outro, o espaço de prédios de cimento e ferro – a cidade dos europeus brancos. Como revela Manuel Ferreira (2007, p. 27), “De cidade mista, Luanda se transforma em cidade bipartida e bivalente. A uma mudança física correspondeu uma mudança social (racial)”.

A conclusão do conto que dá título à coletânea e que, significativamente, é colocado num ponto central da obra (é o quinto texto de *A Cidade e a Infância*) sintetiza esta visão que antagoniza os dois conceitos, ao mesmo tempo que revela

como a transição da meninice para a idade adulta representa uma perda e uma consciência das clivagens (sociais, económicas e raciais): "Fizera-se homem. A infância aparecia diluída numa cidade de casas de pau-a-pique, zinco e luandos, à sombra das frescas mulembas onde negras lavavam a roupa e à noite se entregavam (Vieira, 2007, p. 97).

O musseque configura-se como ghetto que aprisiona os seus habitantes. A saída dele (obstruída pela fronteira de asfalto) só é possível em circunstâncias excepcionais, que são as de violência, representadas no romance *A verdadeira vida de Domingos Xavier* pela captura de um negro. Domingos Xavier, tratorista na construção de uma barragem², é detido por dois sipaios e sujeito a violentas agressões, ainda no musseque. Suspeitam as autoridades que integra algum movimento de revolta contra o colonizador e sofre o mesmo destino que outros colegas do musseque. É esta suspeita, que o próprio se obstina em negar, apesar de torturas diárias, que as autoridades transmitem à sua mulher: "– O teu homem é um bandido. Queria matar os brancos todos. O melhor é esqueceres" (Vieira, 2003a, p. 33).

A recusa de Domingos Xavier em denunciar nomes de colegas empenhados na luta pela emancipação de Angola significa uma indefetível resistência a múltiplas torturas, que acabarão por determinar a sua morte. Todavia, a determinação dos seus vizinhos na realização de uma festa constitui uma manifestação de oposição ao poder colonial, a partir da constatação de que o homicídio de Domingos Xavier não vergará a firmeza de combate. Neste sentido, o musseque é também, simbolicamente, berço de vida e de luta contra a opressão, como se conclui das palavras do alfaiate Mussunda:

– Irmãos angolanos. Um irmão veio dizer que mataram um nosso camarada. Se chamava Domingos Xavier e era tratorista. Nunca fez mal a ninguém, só queria o bem do seu povo e da sua terra. (...) Não vamos chorar mais a sua morte porque, Domingos Xavier, você começa hoje a sua vida de verdade no coração do povo angolano... (Vieira, 2003a, p. 110)

Tal como se verificou em Lourenço Marques com os caniços, os musseques luandenses foram, como realçou Margarida Calafate Ribeiro (2019, p. 49), espaços vitais – de línguas, culturas e afirmação política:

O musseque de Luanda e o caniço da antiga Lourenço Marques vão ser eleitos como os espaços de onde vai emergir o projeto independentista anti-colonial. E por isso, nesta literatura, o musseque/caniço não vai ser descrito apenas à maneira neo-realista, denunciando tudo o que não tem, mas também como o lugar que também tem, e que os outros desconhecem.

² José Luandino Vieira confessou numa entrevista a Michel Laban: "Trabalhei na barragem de Cambambe dois anos. Gosto de dizer sempre isso porque *A vida verdadeira de Domingos Xavier* passa em Cambambe e, em grande parte, o que se lá conta passou-se e, salvo os nomes, que estão alterados, as pessoas existiram" (Laban, 1980, p. 16). Esta declaração permite estabelecer nexos entre a vida e a escrita, entre a realidade e a ficção dos textos literários do escritor angolano.

Os contos de *A Cidade e a Infância* são, assim, o embrião de transformação do espaço: de agredido passa a símbolo de mudança³. É essa mudança que apresentam as oito histórias de *Vidas Novas* (escritas em 1962, quando José Luandino Vieira esteve preso no Pavilhão Prisional da PIDE, em Luanda, e galardoadas com o prémio João Dias, nesse mesmo ano). Nelas desenvolve igualmente o escritor múltiplas formas de violência, entre as quais se destaca a brutalidade colonial, expressa no primeiro conto pelos pensamentos de Dina, a protagonista homónima:

Mas também alegrar como então nesses dias assim, nessas horas de confusão das pessoas e das coisas, tiros dentro das noites, muitas vezes gritos de cubatas invadidas, choros e asneiras e mais tiros e depois ainda o fugir de passos, o correr de jipes com soldados de metralhadora disparando à toa (Vieira, 2006, pp. 17-18).

Dina, a jovem prostituta que se “deitava com os tropas” (Vieira, 2006, p. 19), assiste à invasão policial da sua cubata e ao assassinio dos pais, acontecimentos que a levam a determinar-se a uma vida nova: aquela em que rejeita a prostituição.

Não posso deixar de referir que a mudança ambicionada por vários protagonistas de *Vidas Novas* (por exemplo, o sapateiro Cardoso Samukolo e o miúdo Zito) coloca sempre em oposição absoluta presente e futuro: o primeiro tempo é aquele que, nas reflexões do sapateiro Cardoso, revela o musseque como espaço de tiros na noite, cubatas incendiadas, familiares que desaparecem, enquanto outros são levados em jipes “com porrada logo ali mesmo e insultos e asneiras” (Vieira, 2006, p. 71); as vidas novas projetam “tempos bons” nos quais os habitantes aspiram a realidades tão prosaicas como “música nova”, “a lua grande e bonita”, “lavras de milho grande”, “mandioca a crescer verde como nunca foi” e “algodão de flores branquinhas” (Vieira, 2006, p. 71).

Finalmente, o protagonismo concedido a crianças e mulheres negras colonizadas revela um claro distanciamento da literatura colonial (como de todos os seus estereótipos), remetendo os papéis secundários para figuras coloniais: administradores, polícias e vigilantes de prisões. Tal deslocação de protagonismo confere à obra de José Luandino Vieira uma natureza pós-colonial e questiona os pressupostos da teoria luso-tropicalista de Gilberto Freyre, assente na convivialidade e na influência recíproca colonizado-colonizador. A repressão policial cruelmente praticada sobre Domingos Xavier sintetiza esse princípio de que, na obra do escritor angolano, a administração da justiça é arbitrária e caprichosa. A prisão é um espaço de total desumanidade e desconsideração pelos direitos humanos fundamentais. O julgamento sumário e o desaparecimento de Domingos antecipam um motivo recorrente na obra literária do escritor: a ação iníqua do poder colonial ou, nos termos de Paul Castro (2014, p. 44), a evidência de que “the police are never figures of justice but always instruments of repression”.

³ A expressão “espaço agredido” é da autoria do investigador de literaturas africanas de língua portuguesa Manuel Ferreira, que a utiliza no prefácio à segunda edição (1977) de *A Cidade e a Infância*.

3. Conclusão

Termino, recordando a dimensão fascinante que Luanda tem na vida e na obra de José Luandino Vieira "A minha visão do mundo é topográfica. (...) O meu imaginário não teria estruturação se não fosse aquele espaço. Quer o espaço histórico, quer o espaço sociológico, quer agora o espaço da memória. Tudo isto coexiste" (Vieira, 2019. Pp. 26 e 33).

Nessa cosmovisão topográfica, o musseque de Luanda ocupa um lugar privilegiado enquanto símbolo não apenas da separação entre negros e brancos, colonizados e colonizadores, mas ainda como metáfora de oposição entre liberdade e sujeição, justiça e injustiça, igualdade e desigualdade. O musseque é, no contexto colonial, um espaço que viola de forma flagrante o respeito pela condição humana por parte daqueles que o agridem; todavia, não deixa de se afirmar de forma emblemática como lugar que serviu a José Luandino Vieira para defender valores metaforizados nos seus habitantes – de resistência, de solidariedade, de compaixão e de pertença a uma comunidade social.

Referências bibliográficas

- Castro, P. (2014). Shameful things in the city: Writing and re-righting colonial urban space in José Luandino Vieira's *Luuanda*. *Journal of Romance Studies*, 14(3), 37-53.
- Cruz, S. I. (2019). Luanda, a cidade e toda a vida – Entrevista a Luandino Vieira. In Margarida Calafate Ribeiro, & Francisco Noa (Orgs.), *Memória, Cidade e Literatura. De São Paulo de Assunção de Loanda a Luuanda, de Lourenço Marques a Maputo* (pp. 15-34). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Fromont, C. (2006). A walk through the city: stories and histories of Luanda (1575-1975). *Ellipsis*, 4, pp. 49-77.
- Laban, M. et al. (1980). *José Luandino Vieira e a sua obra. Estudos, testemunhos, entrevistas*. Lisboa: Edições 70.
- Ribeiro, M. C. (2019). Os mapas das cidades e as letras que as escrevem – de Luanda e de Maputo. In Margarida Calafate Ribeiro, & Francisco Noa (Orgs.), *Memória, Cidade e Literatura. De São Paulo de Assunção de Loanda a Luuanda, de Lourenço Marques a Maputo* (pp. 37-61). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Sousa, M. L. (2019). *O diabo foi meu padeiro*. Lisboa: D. Quixote.
- Torres, A. (1986). Le processus d'urbanisation d'Angola dans la période coloniale (années 1940-1970). *Estudos de Economia*, 7(1). pp. 29-50.
- Trigo, S. (1981). *Do Logotetismo ao Genotetismo. José Luandino Vieira: o percurso duma escrita*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Vieira, J. L. (2003a). *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa: Caminho. (Originalmente publicado em 1961)
- Vieira, J. L. (2003b). *Nosso Musseque*. Lisboa: Caminho.
- Vieira, J. L. (2006). *Vidas Novas*. Lisboa: Caminho. (Originalmente publicado em 1975)
- Vieira, J. L. (2007). *A Cidade e a Infância*. Prefácio de Manuel Ferreira, Lisboa: Caminho. (Originalmente publicado em 1960)
- Vieira, J. L. (2015). *Papéis da Prisão. Apontamentos, Diário, Correspondência (1962-1971)*. Lisboa: Caminho.

Resumo

Este ensaio tem como propósitos principais: analisar, em quatro obras literárias de José Luandino Vieira, imagens de violência colonial em Luanda; identificar a influência que um espaço

dominado pela violência exerce sobre comportamentos e interações humanas; evidenciar práticas de tortura, e de discriminação racial e socioeconómica apresentadas nas narrativas seleccionadas; mostrar que a condenação da violência colonial significa para o escritor angolano um forte compromisso ético.

Abstract

The main purposes of the essay are: to examine, in José Luandino Vieira's four literary works, images of colonial violence in Luanda; to identify the influence that a space dominated by violence has on human behaviour and interactions; to highlight practices of torture, racial and socioeconomic discrimination; to show that the condemnation of colonial violence means for the Angolan writer a strong ethical commitment.